



8º CONGRESSO INTERNACIONAL DOS HOSPITAIS

SAÚDE 6.0: PESSOAS E TECNOLOGIA

26 e 27 de novembro de 2020

Showroom do edifício sede da Altice Portugal



APRESENTAÇÃO



8º CONGRESSO
INTERNACIONAL DOS HOSPITAIS
SAÚDE 6.0: PESSOAS E TECNOLOGIA

A APDH está a organizar o 8.º Congresso Internacional dos Hospitais “Saúde 6.0: Pessoas e Tecnologia”, com o Patrocínio Institucional da Federação Internacional dos Hospitais e da Federação Europeia dos Hospitais o qual vai decorrer nos dias 26 e 27 de novembro de 2020, no Auditório do Edifício-sede da Polícia Judiciária, em Lisboa, podendo desenrolar-se de forma presencial e/ou virtual, dado o atual contexto pandémico que vivenciamos.

No atual panorama da Saúde em Portugal estes eventos adquirem grande relevância, a nível nacional e internacional, pelo que contamos com a participação de importantes personalidades no Setor, congregando um elevado número de profissionais de Saúde e dirigentes hospitalares de topo.

A Direção

Nota: Por força do atual momento de incerteza e das medidas tomadas a nível nacional e mundial em resposta à propagação do surto COVID-19, embora seja nosso objetivo realizar presencialmente o evento, estamos a reunir todas as condições técnicas possíveis, para que, se necessário, seja garantida a realização dos eventos por live streaming.



Saúde 6.0: Pessoas e Tecnologia

Os sistemas de saúde e sociais a nível global deparam-se com complexos desafios, desde o envelhecimento crescente da população e das doenças crónicas e comorbilidades, à emergência de novos desafios - como a promoção da saúde, lidar com o envelhecimento, o isolamento social, o risco de novas pandemias e o colapso ecológico. Acresce ainda, a questão do aumento das desigualdades em saúde e dos custos e expectativas para uma abordagem personalizada dos cuidados.

Procurando dar resposta a muitos destes desafios, as últimas décadas têm vindo a ser marcadas pela vertiginosa evolução da inovação da tecnologia em todos os sectores da sociedade, não sendo a saúde exceção. Esta inevitabilidade tem criado espaço para o surgimento de soluções inovadoras e disruptivas, com grande impacto nas pessoas e nos profissionais e organizações, não só a nível tecnológico (robótica, nanotecnologia, inteligência artificial, big data, Internet of things – IoT), mas também a nível organizacional e da gestão (governança, gestão, modelos de financiamento, modalidades de pagamento, avaliação pelos resultados, regulação).

No entanto, apesar do potencial impacto positivo que esta evolução tem gerado na saúde, há ainda um longo caminho a percorrer, não só pela natureza complexa e peculiar deste sector, o qual se caracteriza por uma natureza fortemente institucionalizada e pluralista, mas também pelo elevado ónus que representa para os governos, aos quais cabe uma gestão equitativa e sustentável dos recursos.

Este contexto implica uma análise estratégica e informada, assente em políticas públicas integradas e concertadas (sectorial ou dos programas), das condições e modelos em que a inovação deve emergir e ser disseminada para transformar o setor da saúde de forma efetiva, sustentável e com potencial para gerar valor - traduzido no bem-estar das pessoas. Devem ainda ser considerados os diferentes níveis de cuidados de saúde (incluindo o setor social e comunidade), as organizações e áreas de intervenção, os profissionais e profissões, os cidadãos e todos os stakeholders internos e externos.

Importa, assim, compreender como poderemos integrar os avanços da tecnologia no bem-estar – *wellness* - e na saúde das pessoas, na prática clínica e na gestão das organizações e, de acordo com a presente conjuntura perspetivar os desafios futuros, reunindo para o efeito os contributos de peritos e de profissionais nacionais e internacionais, das mais diversas áreas do conhecimento, centrando a discussão em três grandes dimensões orientadoras:

1. Tecnologia, Inovação e Conhecimento

1.1. Inteligência artificial, big data, IoT

1.2. SmartHealth, robótica, nanotecnologia,

1.3. Saúde digital e medicina personalizada, biotecnologia

1.4. Sistemas de apoio à decisão clínica e à gestão, telemedicina

A importância do investimento em tecnologias inovadoras é hoje uma realidade global inquestionável que procura, através de um conhecimento mais exato e atempado, melhorar a efetividade na prevenção, no diagnóstico precoce e na qualidade do tratamento da doença, garantindo melhores resultados em saúde.

Contudo a tecnologia é muito mais abrangente. Por um lado, tem contribuído para a evolução do acesso à informação, para a tomada de decisão e da segurança dos dados, desde a sua recolha, armazenamento, tratamento e análise. E, por outro lado, tem promovido a melhoria da relação médico-doente, hoje mais próxima, a otimização dos processos e da produtividade e a redução dos custos operacionais e do desperdício.

Neste contexto pretende-se compreender como a inovação tecnológica contribuiu para as soluções dos desafios postos aos profissionais, organizações e sistemas de saúde, ao nível das necessidades das populações mais vulneráveis (mais idosos, comunidades rurais, condições crónicas). Dar a conhecer experiências ou projetos disruptivos que demonstrem, como as novas tecnologias podem ajudar a encontrar novos modelos de gestão e de prestação de cuidados de saúde, que garantam mais qualidade, segurança e resultados em saúde. Explorar a influência da tecnologia na mudança do papel do clínico e na efetividade do diagnóstico e tratamento das doenças e, ainda, perceber quais as implicações que estas poderão ter na sustentabilidade das organizações e sistemas de saúde.

2. Modelos de gestão focados no valor e Resultados em Saúde e Bem-estar (*Wellness*)

2.1. Emergência nacional e mundial, agir em tempos de crise

2.2. Humanização dos cuidados e o bem-estar do cidadão

2.3. Adicionar Valor à Saúde, Medir os resultados e a experiência dos doentes

2.4. Papel da Indústria farmacêutica e tecnológica

No atual contexto de pandemia, assume importância o desenvolvimento de ferramentas e instrumentos que permitam às organizações de saúde determinar periódica e rapidamente o seu atual nível de preparação e capacidade de resposta operacional para uma emergência, como a que atualmente vivemos pela propagação da COVID-19.

A introdução da inovação organizacional e dos serviços de saúde implicam mudanças sistêmicas, coletivas e individuais. Estas afetam, não só os modelos organizacionais de prestação de cuidados e a relação entre médico e doente, mas também, implicam a necessidade de integrar os novos atores e parceiros, detentores do conhecimento que contribui para a inovação. A par desta evolução, importa aos governos nacionais adequarem os sistemas de saúde para a introdução das mudanças necessárias, que garantam a capacidade de resposta para fazer face a estados de emergência nacional ou mundial (pandemia, guerra, colapso ambiental). Estas devem ser suportadas pela melhor evidência, investigação e inovação, instrumentos fundamentais para a tomada de decisão informada e atempada e, garante, no médio longo prazo, de uma maior sustentabilidade económica, laboral, dos níveis de saúde da população e da estabilidade social e ambiental.

Neste âmbito, salienta-se a importância da humanização dos cuidados nos serviços de saúde e sociais, que, conjuntamente, deverão encontrar respostas que permitam apoiar e contribuir para o bem-estar dos doentes e famílias, em tempos de crise ou fora dela. Este apoio poderá ser intensificado através das novas tecnologias, permitindo prestar cuidados no domicílio e na comunidade. Uma outra vertente, cujo doente tem um papel crucial, está relacionada com o potencial dos novos modelos de avaliação e medição do valor em saúde, com base na experiência e resultados do doente. Acresce, ainda, que todo o desenvolvimento e disseminação da inovação em saúde, carece de parceiros-chave para sua operacionalização, destes destacam-se a indústria farmacêutica e tecnológica, as quais têm vindo a desempenhar, nos últimos anos, um papel crucial para a implementação de algumas inovações tecnológicas e biomédicas nos sistemas de saúde.

Pretende-se, assim, à luz da pandemia COVID-19, dar a conhecer experiências ou projetos que demonstrem se estamos mais preparados, hoje, para agir perante o risco de uma segunda vaga ou outras pandemias futuras (papel dos cuidados de saúde primários e hospitalares, gestão dos serviços de saúde essenciais, resposta às necessidades da população mais vulnerável etc.). Conhecer experiências e modelos que considerem uma melhor e mais efetiva humanização dos cuidados. Explorar projetos inovadores na área do valor em saúde que demonstrem como poderão contribuir para melhores resultados em saúde e uma alocação dos recursos mais efetiva, bem como poderão contribuir para a melhoria dos

sistemas de pagamento vigentes nos sistemas de saúde nacionais. Perceber como podem os novos parceiros-chave contribuir para a melhoria do sistema, das organizações de saúde, dos profissionais e do cidadão.

3. As pessoas, as organizações e os profissionais

- 3.1. Os novos desafios das organizações e profissionais de saúde e das pessoas
- 3.2. Planejamento estratégico das organizações de saúde
- 3.3. Organizações e profissionais focados no cidadão
- 3.4. Papel da Saúde Pública

A presente pandemia de COVID-19, demonstrou a importância da coordenação e integração de políticas e programas conjuntos, os quais são fundamentais para uma utilização dos recursos efetiva e racional. Em particular, a componente da integração envolve a utilização de políticas e instrumentos de governança adequados a garantir maior convergência nas ações setoriais, como a regulatória, legislativa, financeira, informativa e comunicacional e no acesso a ferramentas de boas práticas.

Neste âmbito, a emergência das novas ferramentas tecnológicas e facilitadoras da colaboração entre os diferentes atores, originam a necessidade de intervenção nos diferentes níveis de atuação e setores. Sendo, por isso, fundamental incrementar novas formas de gestão ao nível dos recursos humanos das organizações de saúde, bem como promover e estimular a participação ativa do cidadão na boa gestão da sua saúde e bem-estar e na utilização e acesso ao sistema de saúde. Neste contexto deve ser dada especial atenção aos grupos da população mais vulnerável e de risco (idosos em particular os institucionalizados, doentes com problemas crónicos, migrantes, pessoas em situação de pobreza), uma vez que à partida estão mais expostos à doença e terão piores condições de vida (desemprego, pobreza, precaridade, etc.).

Ao nível das organizações de saúde, e em particular os hospitais, devem ser delineados planos estratégicos, que garantam uma capacidade de resposta em áreas vitais como: a gestão da informação; coordenação e comunicação; recursos humanos; administração e financiamento; capacidade de atuação sobre grande pressão (gestão das camas da UCI, tratamento dos doentes Covid-19 e não-Covid-19), garantir a continuidade dos serviços e cuidados de saúde essenciais; apoio aos profissionais (por ex. saúde mental); formação específica; a gestão dos doentes e a identificação e diagnóstico rápido; controlo e prevenção da infeção, entre outras. O sucesso destas ações requer a existência de lideranças fortes, capazes de motivar e proteger os profissionais e de antever as mudanças necessárias, para dar resposta à crescente e inesperada procura dos serviços de saúde.

Deve ser ainda reconhecida a importância do papel da Saúde Pública e do conhecimento (nível nacional e local) que garanta respostas personalizadas e específicas, bem como a capacidade de monitorizar a pandemia e realizar previsões futuras. É por isso essencial a existência de instrumentos de registo, recolha e gestão da informação sobre os doentes Covid-19 ou outras doenças futuras.

Pretende-se, assim, dar a conhecer as boas práticas, experiências ou projetos e ferramentas que permitam dar resposta às atuais necessidades, ao nível de organização e gestão, que garantam uma capacidade de resposta atempada e efetiva e segura para os profissionais e cidadão. Compreender qual deverá ser o papel da saúde pública, não só ao nível da testagem, contactos, rastreamento e vigilância epidemiológica, mas também em articulação com as organizações de saúde.